



Opinião Econômica

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e sócio da consultoria Reliance, É doutor em economia pela USP



O Brasil está descontado

Levando em conta os fundamentos do comércio exterior, câmbio está desvalorizado

O câmbio representa o valor do país relativamente aos demais. Uma maneira de acompanhar como estamos é comparar o câmbio observado com o câmbio obtido a partir dos fundamentos de comércio internacional de longo prazo, que são aqueles dados pelos indicadores da competitividade externa da economia brasileira.

A linha roxa na figura acima é a cotação do real a preços do quarto trimestre de 2023. O indexador é a diferença de inflação entre o Brasil e a inflação média dos nossos parceiros comerciais. A média é ponderada, com os pesos dados pela participação de cada parcei-

ro na corrente de comércio com o Brasil.

A linha azul é o resultado da correlação da linha roxa com duas variáveis que descrevem a competitividade da economia brasileira: os termos de troca (o preço médio da pauta exportadora relativamente ao da pauta importadora) e a produtividade do trabalho. Ambas as variáveis foram consideradas em relação à média dos parceiros comerciais. Novamente, a média é ponderada, com o peso de cada parceiro dado pela sua participação na corrente de comércio.

A linha azul é o câmbio dado pelos fundamentos do comércio

internacional. Desvios entre a linha azul e a roxa se explicam por dinâmicas de curto e médio prazo, que precificam retorno financeiro, diferencial de juros, percepção de riscos etc.

Chama a atenção como o câmbio observado na média do quarto trimestre de 2023, R\$ 5 por US\$ 1, é 23% mais desvalorizado do que nossa estimativa do câmbio dado pelos fundamentos de comércio internacional, de R\$ 4 por US\$ 1. Esse desconto da economia brasileira ocorria antes da epidemia. No quarto trimestre de 2019, tínhamos R\$ 4,8 por US\$ 1, ante R\$ 3,9 para a estimativa de câmbio de

longo prazo. A desvalorização adicional ocorrida com a pandemia já refluuiu.

Houve um longo período, de 2004 até o início de 2013, em que o câmbio observado a linha roxa correu abaixo, isto é, mais valorizado, do que a linha azul, indicando sobrevalorização do real. E, desde meados de 2016, ocorre o oposto: o câmbio observado é mais desvalorizado do que nossa estimativa de longo prazo.

A IFI (Instituição Fiscal Independente), órgão de assessoria do Senado de acompanhamento das contas públicas, divulga a série de superávit fiscal estrutural do governo central. Entre 1999 e 2012 inclusive, havia superávit primário estrutural. Isto é, o gasto não financeiro do Tesouro Nacional era estruturalmente inferior às receitas.

Em 2013, entramos em ter-

reno deficitário. Houve crise econômica profunda, crise política e perdemos o grau de investimento em 2015. Nunca mais conseguimos construir uma posição superavitária estrutural (segundo a IFI, em 2021 e 2022 houve pequeno superávit primário estrutural, revertido em 2023).

O forte desconto dos ativos brasileiros, da ordem de 20%, deve-se, no meu entender, à nossa incapacidade de construir uma posição fiscal sólida. Pode ser por meio de mais receita de impostos ou por meio de corte de gastos, ou uma combinação de ambos. Mas, enquanto o Congresso Nacional, com a liderança da Presidência da República, não conseguir estruturar uma posição fiscal que garanta a solvência da dívida pública, será muito difícil criarmos as condições para um ciclo sustentável de crescimento econômico.



O Banrisul tem um cartão que combina com você.



Peça pelo app Banrisul



banrisul
SAC 0800 646 1515 Ouvidoria 0800 644 2200

Projeto de R\$ 24 bilhões anunciado pela CMPC é o maior investimento privado da história do Estado

/ INDÚSTRIA

Guilherme Kolling

guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

A Companhia Manufacturera de Papeles y Cartones (CMPC) confirmou nesta segunda-feira, 29 de abril, um investimento de R\$ 24 bilhões no Rio Grande do Sul. O aporte da empresa chilena pode mudar o patamar de investimentos privados em solo gaúcho. Não por acaso, o governador Eduardo Leite saudou a iniciativa como o maior investimento privado já feito por uma empresa individualmente na história do Rio Grande do Sul.

Uma boa referência para aferir a magnitude da iniciativa é o Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul, levantamento realizado pelo Jornal do Comércio que reúne a lista de todos os investimentos anunciados ou realizados em solo gaúcho ao longo de um ano.

Em 2022 e 2023, exercícios mais recentes do levantamen-

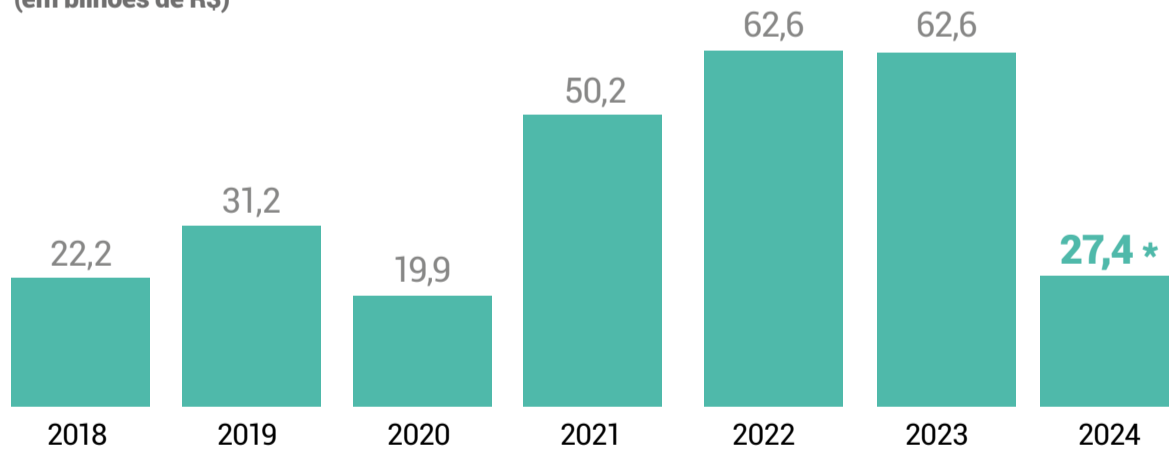
to conduzido pelo JC, a carteira somou R\$ 62,6 bilhões. Ou seja, apenas o aporte da CMPC anunciado nesta segunda-feira equivale a quase 40% de todos os empreendimentos que fizeram investimentos no Rio Grande do Sul no ano passado.

O dado também pode ser comparado com os investimentos feitos pela própria CMPC. O mais recente aporte realizado pela multinacional no Estado foi no projeto BioCMPC, com R\$ 2,75 bilhões em ampliação da planta de celulose em Guaiíba e melhorias ambientais.

Agora, oficializou um aporte nove vezes maior. Somente o pequeno município de Barra do Ribeiro, com 12 mil habitantes, deverá receber mais de R\$ 20 bilhões (US\$ 4 bilhões), pois será sede da nova fábrica de celulose do grupo chileno, com capacidade para produzir 2,5 milhões de toneladas de celulose por ano. E terá, ainda, recursos para infraestrutura e um parque ambiental.

Investômetro JC

(em bilhões de R\$)



Valores nominais de investimentos anunciados ou realizados no Rio Grande do Sul ao longo do ano

* Dado apurado até abril de 2024, incluindo os R\$ 24 bilhões de investimentos anunciados pela CMPC

RS quer aportes em hidrogênio verde e semicondutores

Questionado pela reportagem se a iniciativa da empresa significa uma mudança de patamar nos investimentos em solo gaúcho, o governador disse “naturalmente esse é o nosso desejo. Mas estamos falando de um investimento excepcionalmente grande. Oxalá tenhamos muitos dessa mesma grandeza nos próximos anos”.

Entre as possibilidades de grandes projetos que estão no horizonte, Eduardo Leite deu alguns exemplos nos quais o Estado está atuando.

“Nós trabalhamos para isso (atrair grandes investimentos futuros), seja pela produção do hidrogênio verde, seja na plataforma dos semicondutores, estamos traba-

lhando em várias frentes para que o Rio Grande do Sul seja capaz de receber grandes investimentos em outros setores econômicos, produção de energia eólica offshore (no mar), em todas essas frentes que nós preparamos o Rio Grande do Sul temos a possibilidade de atrair investimentos multibilionários como esse.”

economia

Obra da planta de celulose é prevista para 2026

Estimativa é que, a partir do início dos trabalhos, sejam necessários cerca de três anos para a conclusão da fábrica

/INDÚSTRIA

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Se tudo transcorrer dentro do previsto, serão necessários dois anos de estudos ambientais para que o projeto de uma nova fábrica de celulose no Rio Grande do Sul seja apresentado ao conselho da CMPC e, com a liberação das obras, mais três anos serão demandados para a unidade iniciar sua a operação. O investimento no complexo, que será construído no município de Barra do Ribeiro e terá a capacidade para produzir até 2,5 milhões de toneladas de celulose ao ano, é estimado em cerca de R\$ 24 bilhões.

“É o maior investimento feito por uma empresa, individualmente, na história do Rio Grande do Sul”, celebra o governador Eduardo Leite. Na tarde desta segunda-feira, o governo estadual e a CMPC assinaram um protocolo de intenções para tirar do papel o chamado Projeto Natureza. O presidente do Conselho das Empresas CMPC, Luis Felipe Gazitúa, detalha que a companhia já conta com em torno

de 60% da base florestal necessária para realizar o empreendimento. Os 40% restantes devem ser alcançados nos próximos três anos, através de produtores parceiros.

De acordo com o executivo, ainda faltam em torno de 80 mil hectares para atender à necessidade da nova fábrica. “São 180 mil hectares para todo o projeto e já temos 100 mil hectares”, frisa o dirigente. Esses produtores florestais, vinculados principalmente à cultura de eucaliptos, estarão distribuídos por cerca de 80 municípios gaúchos (veja a lista no site do Jornal do Comércio) localizados no entorno de Barra do Ribeiro. A celulose que será produzida poderá ser aproveitada na fabricação de diferentes tipos de papéis, embalagens e produtos higiênicos, além de estar presente em itens como alimentos, medicamentos e cosméticos.

Leite acrescenta que, a respeito das obras de infraestrutura que serão feitas para viabilizar o empreendimento, serão realizados ajustes no acesso pela BR-116 a Barra do Ribeiro e a pavimentação da estrada que faz conexão direta ao empreendimento. Já em Pelo-



Investimento anunciado no projeto é de R\$ 24 bilhões, o maior já feito por uma única empresa no Estado

tas, nas proximidades da ponte do Canal São Gonçalo, a ideia é fazer uma estrada que permitirá acessar diretamente os terminais do porto pelotense. “Porque hoje os caminhões têm que trafegar por dentro da cidade para chegar ao complexo”, comenta o governador. A estrutura logística é utilizada pela CMPC para movimentação de matéria-prima (toras) pela hidrovia.

Os aportes nessas obras de infraestrutura poderão ser adiantados pela própria CMPC e depois abatidos em impostos. Além des-

sas melhorias, será aberta uma licitação para a construção de um terminal para escoar celulose a partir de Rio Grande. Nessa iniciativa, o CEO da CMPC, Francisco Ruiz-Tagle, assinala que a expectativa é que sejam investidos em torno de US\$ 150 milhões. Qualquer companhia poderá disputar essa concorrência, inclusive a própria CMPC.

A empresa também assume o compromisso de promover um programa de qualificação de mão de obra e priorizar a contratação de

fornecedores gaúchos. A perspectiva é que sejam gerados em torno de 12 mil empregos nas obras. A CMPC, que atua com a produção de celulose no Estado desde 2009, quando adquiriu a planta de Guaíba da empresa Fibria, já havia implementado na unidade uma expansão da capacidade produtiva. O projeto BioCMPC significou um aporte de R\$ 2,75 bilhões e permitiu à empresa incrementar a capacidade de produção de celulose chegando a um total superior a 2 milhões de toneladas anuais.



Gazitúa afirma que área virá de produtores parceiros da CMPC

Novo projeto precisará de cerca de 180 mil hectares

Para alimentar o Projeto Natureza, que prevê a construção de uma fábrica com capacidade para a produção de 2,5 milhões de toneladas de celulose ao ano em Barra do Ribeiro, a CMPC precisará de aproximadamente 180 mil hectares (mais do que 4,8 mil parques da Redenção em Porto Alegre) de produção de madeira. De acordo com o presidente do Conselho das Empresas CMPC, Luis Felipe Gazitúa, essa área será proveniente de produtores parceiros da empresa, que

já conta com 100 mil hectares disponíveis para o plantio.

Jornal do Comércio (JC) - A CMPC necessita ampliar a base florestal para alimentar o novo projeto em Barra do Ribeiro?

Luis Felipe Gazitúa - Nós temos a madeira para atender em torno de 60% do projeto e nos faltam 40%. É algo que pensamos conseguir nos próximos três anos.

JC - A ideia é expandir a oferta de matéria-prima proveniente dos eucaliptos com áreas pró-

prias ou de produtores parceiros?

Gazitúa - Com parceiros.

JC - De quantos hectares estamos falando nessa ampliação?

Gazitúa - São 80 mil hectares que faltam. É preciso 180 mil hectares para todo o projeto e já temos o equivalente a 100 mil hectares.

JC - E quanto mais perto da planta industrial de Barra de Ribeiro ficar essa oferta de matéria-prima, melhor para operação, correto?

Gazitúa - Exato.

História da celulose no Rio Grande do Sul:

- 🏠 **1969** | Anunciada a construção da Borregaard, terceira maior indústria de celulose do mundo em Guaíba
- 🏠 **1972** | Inauguração da primeira unidade de produção na cidade de Guaíba
- 🏠 **1974** | Instalação de equipamentos tecnológicos que reduzissem a emissão de gases durante o processo de fabricação da celulose
- 🏠 **1975** | Mudança do nome

- da empresa, que passou a se chamar Riocell
- 🏠 **1982** | Introdução de um novo sistema de fabricação da celulose, utilizando caldeiras de carvão e unidades de branqueamento
- 🏠 **1993** | Conquista do certificado ISO 9002, relativo à qualidade dos produtos
- 🏠 **1996** | Recebimento da certificação ISO 14.001
- 🏠 **2002** | Ampliação da

- capacidade de produção da unidade de Guaíba, de 300 mil toneladas por ano para 400 mil, já sob controle da Klabin
- 🏠 **2003** | Venda da Klabin Riocell para a empresa Aracruz Celulose
- 🏠 **2006** | Expansão da produção de celulose branqueada para 430 mil toneladas por ano
- 🏠 **2008** | Fusão das empresas Aracruz e Votorantim, que resultou na criação da Fibria
- 🏠 **2009** | Grupo chileno CMPC

- negocia com a Fibria a compra da unidade de Guaíba e a renomeia Celulose Riograndense
- 🏠 **2013** | Anunciada a expansão da Celulose Riograndense em Guaíba, maior investimento privado na história do Estado (R\$ 5 bilhões), que possibilitou à planta alcançar uma capacidade de 1,8 milhão de toneladas de celulose ao ano
- 🏠 **2021** | Já se denominando CMPC, e não Celulose

- Riograndense, a empresa anuncia o projeto BioCMPC, que prevê aporte de R\$ 2,75 bilhões para aumentar a capacidade de produção de celulose em sua planta em Guaíba em mais 350 mil toneladas anuais
- 🏠 **2024** | CMPC assina acordo de R\$ 24 bilhões para implantação de uma nova unidade de produção de celulose no Rio Grande do Sul, desta vez na cidade de Barra do Ribeiro